



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)**

**ALBERTO DE JESUS LIMA
KATIA ESTELINA DE OLIVEIRA MELO**

**CONFLITOS ESCOLARES: Conscientização sobre bullying para os alunos do 6º
ano A e 7º ano B da Escola Estadual Professor Francisco Portugal**

**São Cristóvão – SE
Janeiro de 2016**

**ALBERTO DE JESUS LIMA
KATIA ESTELINA DE OLIVEIRA MELO**

**CONFLITOS ESCOLARES: Conscientização sobre bullying para os alunos do 6º
ano A e 7º ano B da Escola Estadual Professor Francisco Portugal**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado em
forma de Plano de Intervenção em cumprimento
a uma das exigências para obtenção do título de
especialista no Curso de Especialização em
Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar
(Escola que Protege).**

Eixo temático: Escola

Orientadora: Prof^a. Doutora Alessandra Barbosa
Bispo.

**São Cristóvão – SE
Janeiro de 2016**

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe
tudo. Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa. Por
isso aprendemos sempre.*

Paulo Freire

Ficha catalográfica elaborada pelos alunos de Pós-Graduação Alberto de Jesus Lima e Kátia Estelina de Oliveira Melo

Lima, Alberto de Jesus; Melo, Kátia Estelina de Oliveira
CONFLITOS ESCOLARES: Conscientização sobre bullying para os alunos do 6º ano A e 7º ano B da Escola Estadual Professor Francisco Portugal / Alberto de Jesus Lima e Kátia Estelina de Oliveira Melo – 2016.

Orientador: Alessandra Barbosa Bispo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Direitos Infanto-juvenis no Ambiente Escolar – Escola que Protege) – Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação Superior a Distância, Aracaju, 2016.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)

COMISSÃO JULGADORA

Plano de Intervenção dos docentes Alberto de Jesus Lima e Kátia Estelina de Oliveira Melo, defendido e aprovado em _____ pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

(Examinador/a 1)

(Examinador/a 2)

(Orientador/a)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, queremos agradecer a Deus pela sabedoria na escolha e por estar conosco durante toda a jornada nessa maravilhosa oportunidade que foi a Especialização, à Pró-reitora de pós-graduação e pesquisa, ao Centro de Educação Superior à distância-CESAD, à Rede de Altos Estudos em Segurança Pública e também à Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar (ESCOLA QUE PROTEGE). Agradecemos em especial à Professora Doutora Alessandra Barbosa Bispo por ter sido nossa orientadora, guiando-nos para a realização deste trabalho. Aos integrantes da banca. A todos que de forma direta ou indireta, fazem parte desta Pós-graduação. Aos queridos familiares e amigos, pelo apoio durante todo o período da Especialização e a parceria formada pela dupla de discentes que, com uma sintonia maravilhosa realizou as etapas da Especialização.

RESUMO

O índice de casos de bullying no Brasil no ambiente escolar vem adquirindo cada vez mais proporções nas mais diferentes esferas e camadas sociais, porém, a escola está cada vez mais voltando sua atenção para esse fator gerador de graves transtornos para esses alunos e à gravidade causada pela violência, tanto por parte de quem pratica quanto para quem sofre a agressão. Os variados tipos de bullying apresentados no cotidiano escolar vão de uma simples brincadeira causada pela parte praticante, quanto a atos mais extremos, como agressões verbais bem como a situações em que os jovens entram em confronto direto, a chamada luta corporal, onde a agressão é bem mais violenta. Independentemente da causa geradora do bullying (Condição física, financeira, racial, obesidade ou mesmo por uma deficiência física), os indivíduos devem aprender desde cedo que tal prática leva a situações constrangedoras e afetam a vida dos envolvidos e que tal situação não deva ser praticada e para isso a escola bem como todos os envolvidos na educação desses jovens juntamente com a família devem atuar de forma esclarecedora, visando uma orientação mais tolerante entre todos no convívio social. Para tanto este projeto tem como objetivos a orientação para os alunos do 7º Ano B do Colégio Estadual Professor Francisco Portugal visando se evitar que estes alunos pratiquem o bullying neste ambiente escolar. Conclui-se que são necessárias ações de combate e de orientação para quem sofre este tipo de violência que a cada ano se alastra nas escolas das diversas esferas sociais, independentemente de idade, sexo, crença religiosa, cor entre outras.

Palavras-chaves: Escola, bullying, prevenção, transtorno, orientação.

ABSTRACT

The rate of bullying cases in Brazil in the school environment is getting increasingly proportions in many different spheres and social groups, but the school is increasingly turning their attention to this key driver of serious inconvenience to these students and caused serious violence, both by those who practice and for those who suffer aggression. The various types of bullying presented in everyday school life ranging from a simple joke caused by the party practitioner, as the most extreme acts such as verbal aggression and to situations where young people come into direct confrontation, the call wrestling where aggression is much more violent. Regardless of generating bullying cause (physical condition, financial, racial, obesity or even a physical disability), individuals must learn early that this practice leads to embarrassing situations and affect the lives of those involved and that such a situation should not be practiced and for this school and all involved in the education of these young people with the family should act enlightening way towards a more tolerant direction among all social life. Therefore this project aims guidance for students of 7th Year B of State College Professor Francisco Portugal aiming to prevent these students to practice bullying in the school environment. It follows that are necessary combat actions and guidance for those who suffer this type of violence which each year spreads in schools of various walks of life, regardless of age, gender, religious belief, color and others.

Key words: School, Bullying, violence, disorder, orientation.

LISTAS DE FOTOGRAFIAS, IMAGENS E, OU TABELAS

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTAS DE FOTOGRAFIAS, IMAGENS E, OU TABELAS	9
SUMÁRIO	10
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA	14
1.1 Contextualizando sobre o bullying	14
1.2 Praticantes do bullying	16
1.3 Mediação de Conflitos e o papel do Gestor	20
CAPÍTULO 2: DIAGNÓSTICO	20
2.1 Ambiente Escolar	23
2.2 Caracterização da Escola	24
2.3 Bullying e Prevenção	25
CAPÍTULO 3: PLANO DE INTERVENÇÃO	28
3.1 A Importância da Intervenção no Ambiente Escolar	28
3.2 Metodologia	30
3.3 Ações e Cronograma	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
ANEXOS	38

INTRODUÇÃO

Uma das razões acerca do termo bullying dentro do contexto escolar é a identificação bem como a devida orientação para os envolvidos.

A palavra de origem inglesa foi adotada, em muitos países, para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. O tema deste trabalho foi estabelecido a partir de observações e entrevistas no cotidiano de uma escola da rede estadual da cidade de Aracaju, no Estado de Sergipe. Verifica-se que há uma discussão intensa sobre o tema da agressividade e da violência, não só na sociedade em geral, mas também, nas instituições escolares, através do bullying, onde a presença de comportamentos agressivos tem sido cada vez mais forte.

A partir desse contexto, avalia-se a necessidade de debatermos e compreendermos o bullying como também elaborarmos, em conjunto (escola/educadores/pais) ações que possam ser desenvolvidas junto aos alunos de modo mais amplo, a fim de minimizá-lo.

O primeiro contato com o tema bullying foi surpreendente, pois não se conhecia muito sobre as práticas realizadas pelos alunos da rede de ensino. Para tanto, apontamos como questões norteadoras deste trabalho, as seguintes perguntas: Qual o entendimento que a escola tem sobre bullying? Quais as medidas adotadas pela escola e educadores frente a este problema? Quais os tipos de bullying praticados pelos alunos?

O bullying pode se apresentar de maneira física, como bater, chutar, apropriar-se de objetos ou pertences, e de maneira verbal – insultar, apelidar, vaiar, visando à humilhação, ou ainda sexual (insultos ou hostilidade pela maneira de se vestir, pela orientação sexual, entre outros), como também pichações ou desenhos nas paredes.

A violência presente nas escolas refere-se a um fenômeno complexo e tem afetado a vida cotidiana, como uma ameaça diária à integridade física, psíquica e da dignidade humana. Além disso, as diferentes manifestações das violências no âmbito escolar vêm comprometendo ainda mais a qualidade da educação no contexto da escola pública brasileira.

De acordo com os autores: Ristum (2010) e Macedo (2009), diversos estudos têm identificado um crescimento na violência escolar nas últimas décadas, destacando-se ocorrências como depredação de patrimônio, furtos, roubos, agressões físicas e verbais entre estudantes, assim como agressões destes últimos contra professores. Já A violência nas escolas é um fenômeno complexo e múltiplo que necessita melhor compreensão de suas origens.

É fato que a violência escolar pode ser fruto das novas interações estabelecidas dentro e fora da escola, para tanto, uma reflexão acerca do tema é muito importante, uma vez que através disto podemos conhecer como a sociedade está interagindo em relação aos valores, construindo comportamentos e atitudes no tocante a moralidade social e familiar.

Piaget (1994) revela que as atitudes muitas vezes concebidas como imorais ou de desrespeito, como é o caso da violência escolar, podem ser decorrentes das interações estabelecidas hoje. Para o autor, há dois tipos de interações na sociedade: de coação e cooperação, onde cada uma delas decorre de um tipo de formação moral.

A ocorrência do bullying tem sido demonstrada com maior frequência em minorias étnicas ou em populações etnicamente heterogêneas, a exemplo da composição das turmas escolares.

Sendo a escola um ambiente formador dos valores éticos, precisa repensar sua atuação frente ao aluno abrindo novos caminhos de compreensão e atuação do professor na formação dos indivíduos, uma vez que atitudes de violência ao outro são compartilhadas diariamente no cotidiano escolar, percebe-se a necessidade de ações reflexivas junto aos educadores, a fim de promover novas possibilidades na atuação e compreensão sobre o tema.

Segundo pesquisas realizadas pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, os meninos estão mais envolvidos em casos de bullying, tanto como vítimas quanto como autores. É importante saber a origem da violência para que se possa identificar estratégias a serem desenvolvidas junto aos alunos, às famílias e a toda a comunidade educativa para que facilitem a sua extinção.

Para a formação da cidadania, da socialização e de caráter o ser humano necessita de determinadas orientações, seja na família ou na escola, pois essa instituição tem papel significativo neste processo, levando os alunos a serem formadores de opiniões. Compete à escola discutir determinados temas desafiadores da ordem humana que, porventura venham a ameaçar a harmonia para o convívio entre as pessoas, e dentre esses temas encontra-se a violência, que vem ao longo do tempo crescendo significativamente e ganhando proporções nas mais diversas esferas sociais.

O desrespeito ao próximo, o uso de determinados apelidos de cunho a diminuir o colega, da maneira preconceituosa bem como a lidar com as diferentes formas sempre existiu em todos os meios de convivência e na escola não seria diferente.

Partindo desse pressuposto, verificou-se a necessidade da realização de algumas ações a fim de esclarecer a duas turmas da Escola Estadual Professor Francisco Portugal acerca dos fatores de riscos envolvendo a temática desenvolvida no projeto.

O direcionamento para o tema foi surgindo a partir de indagações intrigantes referentes ao fenômeno bullying: O que leva a pessoa a praticar o bullying? O que leva a pessoa que sofre de bullying a não reagir? Qual ou quais os limites para brincadeiras? Como a escola dever intervir nestes casos?

A realização do projeto será na Escola Estadual Professor Francisco Portugal, situada no conjunto Augusto Franco e retratará a realidade de alguns aspectos vividos por determinados alunos, em especial aos alunos do 7º ano B e do 6º ano A, em relação ao bullying e à atuação da Escola Estadual Professor Francisco Portugal frente a este desafio.

O Projeto de Intervenção tem como objetivo geral a conscientização do alunado das referidas séries para o tema bullying bem como suas consequências, desenvolvendo juntamente com a equipe escolar uma ação mediadora.

Como objetivos específicos a realização de uma palestra esclarecedora e amostra de vídeo tratando do assunto proposto; distribuição de uma cartilha ilustrativa, orientando os riscos de se praticar tal ato e de como agir (em caso de quem sofre o ato). Visando um bom índice de entendimento de forma interativa para os jovens que nessa fase da vida vivenciam em seus cotidianos situações constrangedoras.

Para os alunos do 6º ano, trata-se de uma situação a ser evitada futuramente, uma vez a série subsequente é a que mais apresenta dificuldade comportamental no tema tratado.

A estruturação do Projeto apresenta-se em três capítulos. No capítulo I será abordado a contextualização do bullying. Também serão discutidos os aspectos que tratam dos conflitos e mediação no tangente ao bullying.

No capítulo II trata-se do Diagnóstico acerca do bullying na escola bem como a fundamentação. Será apresentado ainda um questionário onde será aplicado para com os envolvidos na escola: alunos, professores e os demais profissionais da instituição.

O Capítulo III refere-se a ação do projeto através das formas de aplicação e de como será realizado além do que será aplicado e o cronograma das ações propostas.

1. REVISÃO DE LITERATURA

O bullying é um dos comportamentos mais comuns na nossa sociedade em que se domina o que é percebido como mais fraco. Os homens oprimem as suas companheiras, as crianças mais velhas as mais novas. Apesar de o bullying fazer parte do que é considerado violência, não lhe é dada a atenção necessária. Por exemplo, a maior parte do grupo de pessoas que trabalham nas escolas incluindo o corpo docente não encara os comportamentos como ameaça e opressão enquanto comportamentos de violência. Assim, para grande parte dos jovens que são testemunhas destes atos de violência, surge um sentimento de inevitabilidade, falta de esperança e alienação.

Devido o bullying evidenciar-se no ambiente escolar, entendemos este comportamento como uma forma de o indivíduo se reafirmar ou de se impor diante das regras da instituição e das pessoas com quem convive.

Através de leituras e discussões acerca do tema, a literatura para a elaboração do projeto foi criteriosa uma vez que por ser um fato recorrente, pouco ainda se tem escrito para um norteamento deste assunto. Os jornais, revistas e televisão sempre noticiam algo a respeito, contudo, alguns artigos científicos referentes à questão do bullying nas diferentes áreas, escolar, familiar, social, entre outras vêm sendo publicados, o que tornou acessível para se ter um embasamento mais aprofundado e facilitando o entendimento sobre bullying.

1.1 Contextualizando sobre o bullying

O bullying significa (atos de agressão física ou psicológica), designa comportamentos agressivos, entre colegas de escola, trabalho, condomínio ou quaisquer outros ambientes de convívio, onde um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, agride outro, que geralmente não tem muitos meios de defesa. Estes atos ainda podem ser intencionais e repetitivos.

O termo bullying de origem inglesa, surgiu na década de 1970 na Noruega e tal fato ganhou proporção mundial em 1982, quando ocorreu o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, motivadas pela situação de maus tratos a que eram submetidas pelos seus companheiros da escola. Este fato teve grande repercussão nos meios de comunicação, mobilizando o governo Norueguês a realizar uma campanha nacional contra o bullying no ano seguinte.

A percepção de violência nos atos de bullying nem sempre está clara para os estudantes, sendo que muitas vezes eles não conseguem diferenciar os limites entre brincadeiras, agressões verbais relativamente inócuas e maus-tratos violentos. Como consequência dessas ocorrências de maus-tratos entre colegas de escola ocorrem os prejuízos sobre o processo de aprendizagem dos alunos e a insegurança na escola. É importante ressaltar que tanto vítimas quanto agressores perdem o interesse estudos feitos pelo ensino, não se sentem motivados a frequentar as aulas e não se sentem seguros na escola diante da ocorrência do bullying.

Segundo a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação do Brasil (2009), os primeiros casos no Brasil sobre a violência escolar são da década de 1980, os problemas de violência mais frequentes apresentados foram depredações do patrimônio público, furtos, roubos e agressões físicas e/ou verbais entre alunos e entre alunos e professores. Na década de 1990, ocorreu um aumento de atos de violência na escola, como furtos, ameaças e agressões físicas.

A partir de 2000, começa a ficar em evidência outro tipo de violência, o bullying, que se caracteriza por ser uma violência velada, que se manifesta nas escolas públicas e privadas, em que as vítimas são alvo de intimidação, gozação, apelidos de mau gosto e outros tipos de constrangimentos (PAULA; TARDELI, 2009).

As consequências do bullying são as mais variadas possíveis e que serão citadas adiante e isto requer urgentemente uma atenção maior para estes casos.

As formas de agressão entre alunos são as mais diversas, como empurrões, pontapés, insultos, espalhar histórias humilhantes, mentiras para implicar a vítima a situações vexatórias, inventar apelidos que ferem a dignidade, captar e difundir imagens (inclusive pela internet), ameaças (enviar mensagens, por exemplo), e a exclusão.

Entre os meninos, os ataques mais comuns são os físicos. Ainda que não efetivada a agressão, os agressores costumam ameaçar, meter medo em suas vítimas. Já as meninas agressoras costumam espalhar rumores mentirosos, ou ameaçarem e espalharem segredos para causar mal estar.

Em nossas vidas podemos sofrer vários tipos de violência, mas nem todas serão caracterizadas como bullying. Isto ocorre por ele exigir certos requisitos sem os quais não o caracterizam. Para que a conduta seja caracterizada como bullying não basta ser maldosa, ela deve ser repetitiva durante certo tempo, ser dirigida a mesma pessoa em razão de um desequilíbrio de poderes entre elas, ter ataques imotivados causando grave dano psicológico que comprometa sua saúde física e emocional.

Outra questão de difícil distinção são as brincadeiras através de piadas feitas uns com os outros para a prática do bullying. Para se caracterizar como brincadeira é necessário que todos os envolvidos estejam se divertindo, que ela não decorra de um ato de autoridade e, que ela acaba finda a reunião, não há o comportamento reiterado.

Para se evitar o problema bullying nas escolas, segundo Pedra e Fante (2008), é necessário que as instituições de ensino invistam em prevenção e estimulem a discussão aberta com todos os atores da cena escolar, incluindo os pais e demais alunos.

No caso dos professores, também é preciso que esses observem com atenção o comportamento dos alunos dentro e fora das salas de aula; que percebam se há quedas bruscas individuais no rendimento escolar; que incentivem a solidariedade e o respeito às diferenças por meio de conversas e trabalhos didáticos; que desenvolvam um ambiente favorável à comunicação entre alunos e que, quando um estudante reclamar ou denunciar o bullying, procure imediatamente a direção da escola para que providências sejam tomadas.

As brincadeiras acontecem de maneira natural entre as pessoas. Elas brincam, “zoam”, colocam apelidos umas nas outras, dão risadas e se divertem. Porém, quando essas brincadeiras ganham requinte de crueldade, de perversidade e segundas intenções e extrapolam os limites suportáveis – que variam de acordo com a história intrapsíquica de cada indivíduo – transformam-se em atos de violência.

Outro aspecto é que quando se trata de brincadeiras normais e saudáveis todos se divertem. Porém, quando apenas uns poucos se divertem às custas de outros, que sofrem, não se trata mais de simples brincadeira, e sim de um ato de violência.

Geralmente, a criança que sofre de bullying não costuma se divertir com as brincadeiras de mau gosto que seus coleguinhos praticam, em contrapartida, os que agridem parecem se divertir bastante com o fato de o outro estar em desvantagem, sendo constantemente exposto ao ridículo perante os demais. O que eles nem imaginam é que estão sim causando grande constrangimento e sofrimento para os seus coleguinhos nem que essas brincadeiras podem casar grandes traumas para as suas vidas.

1.2 Praticantes do bullying

O bullying pode ocorrer em qualquer idade, mas, geralmente é notado a partir dos 3 ou 4 anos, a criança apresenta um comportamento manipulador e abusivo, entretanto, ele é mais comum a partir do 6º e 9º ano do ensino fundamental, e pode ser visto, também, na faculdade.

Segundo Fante (2005), o que propicia a ocorrência do bullying é a existência de um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima, e se deve ao fato de o agredido não conseguir se defender, por não ser tão forte quanto o agressor ou por possuir características psicológicas ou físicas que o tornam alvo de discriminação.

As vítimas geralmente são pessoas tímidas, retraídas, com dificuldade de socialização, podem possuir um físico diferente bem como credo ou etnia diversa, possuem dificuldade de reação, são inseguras, não pedem ajuda, não é facilmente aceita nos grupos sociais, possui etnia ou credo diverso da maioria.

Os autores e as testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais a curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais. Evidentemente, as crianças e adolescentes não são acometidas de maneira uniforme, mas existe uma relação direta com a frequência, duração e severidade dos atos de bullying.

O bullying pode ocorrer em diversos locais, contudo é no ambiente escolar que a incidência desse fenômeno é maior. A esse respeito, Pedra e Fante, (2008, p. 41) afirmam:

Simplesmente, os que praticam bullying elegem um colega que tenha em seu aspecto físico ou psicológico traços que denunciam ser ele uma presa fácil aos ataques. Portanto o bullying nasce da recusa a uma diferença, da intolerância, do desrespeito ao outro.

Geralmente, quem age como agressor em situações de bullying são pessoas arrogantes, que têm habilidades persuasivas e se divertem ridicularizando e provocando sofrimento em colegas a quem direcionam suas agressões de modo sistemático e aparentemente sem motivo. Essas características se contrapõem às das vítimas, que são usualmente retraídas e tímidas, têm baixa autoestima e tendem a ser submissas (Pedra e Fante, 2008).

Devido à grande proporção que esse fenômeno está ganhando na sociedade, e particularmente no ambiente escolar, instaurou-se atualmente uma preocupação quanto à forma de lidar com o assunto.

Em debates transmitidos pelos meios de comunicação de massa fica evidente a busca por ações e medidas efetivas que ajudem a combater o bullying.

Acerca deste seguimento, a escola, que lida diretamente com alunos pré-adolescentes, adolescentes e jovens, torna-se o local onde se concentram as ações de enfrentamento do problema.

Nesse sentido, Calhau (2011, p. 10) afirma:

A maioria dos alvos de bullying são aqueles alunos considerados pela turma como diferentes ou esquisitos. São tímidos, retraídos, passivos, submissos, ansiosos, temerosos, com dificuldades de defesa, de expressão e de relacionamento. Além desses, as diferenças de raça, religião, opção sexual, desenvolvimento acadêmico, sotaque, maneira de ser e de se vestir parecem perfilar o retrato das vítimas.

Os agressores são pessoas com facilidade de liderança, geralmente, são consideradas bonitas pelos que as cercam, este parâmetro de beleza é determinado de acordo com a sociedade em que estão inseridos, não sabem respeitar as diferenças, não sofrem coerções por suas condutas maldosas, são prepotentes e arrogantes.

O Promotor Lélío Braga Calhau (2009, p. 12) ainda diz que:

O agressor “é mau caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. Custa a adaptar-se às normas; não aceita ser contrariado, não tolera os atrasos e pode tentar beneficiar-se de artimanhas na hora das avaliações. É considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com as vítimas. Adota condutas antissociais, incluindo o roubo, o vandalismo, o uso de álcool, além de se sentir atraído pelas más companhias”. Muitas vezes os agressores são pessoas inseridas em família violentas ou que não lhes dão atenção permitindo que façam de tudo para compensar a ausência e indiferença dos pais.

Já a autora Sonia Maria de Souza Pereira (2009), verificou acerca do tema:

Para o agressor, os atos de bullying são divertidos porque humilham a pessoa vitimada. Quando esta aceita de forma pacífica, torna-se alvo de chacota também para outros alunos. O agressor se sente bem, pois para turma ele é o “poderoso”, ele se satisfaz ao ver o riso dos colegas ou muitas vezes se sentem vingados pelas agressões e humilhações que sofrem em outros ambientes, entre eles, o familiar ou simplesmente porque a educação que recebem dos pais serve de incentivo à violência e ao sadismo, sente caso dando-lhe prazer ao ver o sofrimento da sua vítima.

A pessoa que cresce realizando práticas violentas e não sofre reprimenda possui grandes chances de se tornar um delinquente no dia de amanhã.

Como em sociedade as coisas se alteram conforme os estímulos existe dentro da figura do bullying o fenômeno da vítima/agressora, que é a pessoa que sofre o bullying por tanto tempo que como forma de se defender passa a ser autora da conduta para ganhar credibilidade e confiança. O último sujeito do bullying são as testemunhas que não denunciam as agressões com medo de passarem a ser a próxima vítima do agressor. Eles podem ser a favor dando risadas e incentivando a conduta ou são contra, mas sem praticá-la de forma direta e sem intervir no processo das agressões.

As ameaças podem vir acompanhadas de extorsão, chantagem para obter dinheiro, sobretudo com alunos de 5ª e 6ª série. Tanto vítimas, quanto agressores podem sofrer consequências psicológicas desta situação de abuso, porém o que normalmente acontece, é que todas as atenções dos responsáveis (pais e professores) se voltem para o agressor, visto como um marginal em potencial, e a vítima é esquecida.

O Bullying atrapalha inclusive a aprendizagem, sendo que normalmente os agressores são as crianças com maior porcentagem de reprovação. Os casos de agressão, que acontecem por um período maior devem ser encaminhadas para atendimento psicológico.

Segundo Neto (2005) algumas das consequências visíveis nos jovens que são vítimas de bullying podem ser enurese noturna, alterações de sono, dores diversas, vômitos, anorexia, bulimia, ansiedade, agressividade, medos, mau rendimento escolar, resistência à escola ou, em casos extremos, tentativas de suicídio.

Os sintomas geralmente persistem por muito tempo porque nem a família nem a escola têm consciência dos problemas e das dificuldades que os jovens estão a atravessar.

No contexto escolar ainda não se dá a devida importância a este fenômeno porque em geral a vítima não fala e ainda porque a escola tende a ignorar o problema, vulgarizando estes acontecimentos como situações cotidianas ou ainda que fazem parte da fase infantil do aluno.

Os casos de bullying vem sendo praticado há muito tempo nas escolas brasileiras e se caracteriza como uma violência simbólica e velada. Contudo, nos últimos tempos estes casos vem aumentando de forma significativa em diversos aspectos.

Não é fácil para uma pessoa ver-se humilhada ou rebaixada perante os demais, até mesmo na fase da infância ou adolescência onde a formação da personalidade está em desenvolvimento. Muitas crianças e adolescentes são vítimas de preconceito, humilhações e intimidações na escola e por conta desse fato não querem mais ir à escola e escondem a verdade dos pais ou familiares.

Essas crianças e adolescentes, sofrem caladas por vergonha e medo, sentem-se inseguras e humilhadas, geralmente, por serem diferentes em algum aspecto. Honneth (2003), afirma que a pessoa quando se sente humilhada e fora dos padrões sociais desenvolve um sentimento de vergonha e de rebaixamento do seu valor próprio. Quando este sentimento sai do âmbito individual e passa a fazer parte de um grupo inteiro, as experiências até então privadas podem se transformar numa luta coletiva por reconhecimento.

Constantini (2004), Fante (2005) e Koki (1999, apud RUOTTI et al, 2006, p.205), “bullying não é uma fase de desenvolvimento da criança ou um rito de passagem. É um problema sério que pode afetar a habilidade dos alunos e seu progresso acadêmico e social.”

O bullying escolar tem levado vários pesquisadores da Europa, América do Norte e Ásia a se aprofundarem no tema da agressão e vitimação.

Para Fante (2008), os casos de bullying apresentam-se de duas maneiras:

Direta – de fácil percepção, por se tratar de ataques físicos, como: chutes, tapas, empurrões, apelidos.

Indireta – mais complicada de se perceber por acontecer de forma camuflada, ou seja, através de exclusão, isolamento, ofensas, discriminações, segregações, humilhações e desvalorização verbais ou com atitudes de desmerecimento, geralmente, por ser diferente em algum aspecto físico ou emocional, por ser considerado negativo, por ter sotaque ou alguma outra característica que chame a atenção do grupo.

Segundo Crochík (2006),

A reação de quem sofre a humilhação pode não ser distinta daquele que a executa ou daquele que a vê e despreza o humilhado, e pode levá-lo ou a exercer o mesmo ato contra outro, julgado mais fraco, ou a tentar se fortalecer para devolver a humilhação. (CROCHÍK, 2006, p. 85)

Esses fatores podem ser refletidos também na fase adulta através da forma de humilhação, a exemplo de empregados, onde, de forma silenciosa, o assédio moral ou mobbing pode causar sérios problemas na vida de muitas pessoas.

O bullying traz consequências devastadoras para suas vítimas e é importante ressaltar que os sinais da agressão são visíveis, pois a vítima geralmente fica deprimida, com medo de sair de casa, ansiosa, nervosa, magoada, com desejo de vingança, pensamento suicida, baixa autoestima, entre outros.

Nas crianças é comum pedir para mudar de escola, ficar ansiosa perto do horário de sair de casa, pedir para faltar às aulas, apresenta baixo rendimento escolar, chega em casa com machucados sem explicação, “perde” as coisas, tem pesadelos.

A vítima de bullying tende a ficar deprimida e pode ter reações agressivas como vemos em casos de alunos agredidos que matam os colegas e professores, ou podem se sentir tão frágeis que só vêem a morte como solução e acabam praticando o suicídio.

Pessoas que sofrem bullying quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos.

Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos anti-sociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.

O simples testemunho de atos de bullying já é suficiente para causar descontentamento com a escola e comprometimento do desenvolvimento acadêmico e social.

1.3 Mediação de Conflitos e o papel do Gestor

Geralmente é na escola onde muitas situações de bullying acontece, pois é neste ambiente onde os alunos aproveitam para por em prática algumas situações como por exemplo apelidar os coleguinhas, juntando-se a outros nesta prática, expondo-os perante os demais.

Para muitas crianças o bullying é visto como uma brincadeira e acreditam ainda que pode não trazer sérias consequências para aqueles que sofrem esse tipo de abuso.

As instituições de ensino devem coibir os abusos dentro de seu estabelecimento, para isso é necessário que tenha professores capacitados tanto no intelectual como no emocional.

Devem também realizar uma pesquisa com os alunos e professores a fim de saber como anda o convívio entre eles e se há alguma forma de abuso.

Por ser o bullying um fenômeno social, a escola deve agir em parceria com a família com palestras educativas que abordem os efeitos psicológicos e legais, incentivar condutas de solidariedade e de aceitação do próximo.

Sempre que identificados os agressores e as vítimas é necessário que a escola trabalhe com eles individualmente para verificar as causas deste comportamento e incentivá-los a mudar.

Assim como outras instituições, a escola está organizada para que todos os alunos sejam iguais, porém alguns alunos veem no outro diferenças, acreditando que são superiores em determinados aspectos, sejam econômicos, tamanho, beleza e de domínio perante os mais “fracos”.

As vítimas do bullying são estigmatizadas pelo grupo, geralmente por serem diferentes em algum aspecto físico ou social.

Para Bourdieu (1998),

Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida cotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da *assimilação* a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc.) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima. (BOURDIEU, 1998, p. 124)

Atualmente, faz-se necessário que o gestor seja um indivíduo preparado para gerir as suas funções, mas que não deixe de ser um professor ou mediador de conflitos, estando ainda capaz de sentir as reais necessidades da sua escola e de seus alunos.

Embora a gestão escolar seja uma profissão distinta, deve estar voltada para diversas situações que envolvem desde a área administrativa até mesmo o comportamento de todos que fazem parte da escola. Garantindo com isso o bem estar e o desenvolvimento, sempre voltados para o crescimento educacional.

Para Carvalho (2005) e no atual modelo de gestão, o gestor tem capacidade de influenciar, motivar, identificar e resolver problemas, partilhar informações, desenvolver e manter um sentido de comunidade na escola, estimular o trabalho em equipe, compartilhar responsabilidades e poder tomar decisões conjuntas.

Assim, a importância da atuação do gestor no ambiente escolar e o envolvimento de todos os elementos da comunidade são fatores que contribuem e que são determinantes nos resultados da escola.

Para Chanlat (2008) os gestores devem ser “geradores de exemplos a seguir e de atitudes a interiorizar”, bem como “catalisadores que favoreçam a formação de grupos, a cooperação e a colaboração” (p.41).

Os diretores exercem influência em todos os elementos da escola quer sejam alunos, funcionários ou professores.

Como tal, devem assumir uma liderança que esteja aberta ao diálogo e ao trabalho cooperativo para superarem as situações problemáticas.

Atualmente, o gestor tem um papel que visa uma liderança efetiva com expansão dos ideais da democratização. Não basta saber; é necessário que o conhecimento esteja atrelado ao fazer.

Por isso, este apoio e incremento a ser realizado pela escola deve se colocar como forma preventiva do bullying e como formadora de uma educação que gere nas crianças e jovens comportamentos contrários à conduta no bullying, pois formas agressivas de controle a estes ataques não são eficazes, dado que a violência gera violência e tratar pacificamente o ato de bullying é uma das melhores soluções à agressão.

É importante ressaltar que o tratamento preventivo do bullying pode ser uma ação eficaz e importante, pois a sua vítima ao sofrer a agressão leva consigo por toda a sua vida a agressão sofrida.

Diante do exposto, o bullying tem sido um problema importante e crescente no mundo, com diversas e sérias consequências individuais e sociais.

É importante, evitar a agressão e diminuir os impactos minimizando os fatores que contribuem para a violência no ambiente escolar, a qual pode ser detectada desde a infância, como consequência de problemas familiares ou sociais.

Este comportamento de bullying por ser agressivo e desrespeitoso, bem como, antissocial inclui conflitos interpessoais e atos criminosos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das escolas.

Todavia, é neste ambiente (escola) que o bullying ocorre e deve ser transformado de espaço violento em ambiente de disciplina, amizade e cooperação, contrariamente de um ambiente de violência, sofrimento e medo.

É importante ressaltar que muitos comportamentos agressivos, baseiam-se nas condições sócio históricas das crianças. Além disso, estas reações agressivas e violentas refletem sua base de formação e na relação dos educandos fora da escola.

Para tanto, baseamo-nos em fundamentos evidentes para o debate sobre o bullying no ambiente escolar. Contudo, deve-se desfocar esta atitude agressiva, e trabalhar a transformação do educando com base no respeito e na sensibilidade, motivando-o a compartilhar e, além disso, ensinando-lhe habilidades sociais para que suas atitudes violentas façam oposição ao equilíbrio e ao respeito.

CAPÍTULO 2: DIAGNÓSTICO

2.1 Ambiente escolar

A forma como a escola usa o seu espaço físico, as relações interpessoais e a interação com a comunidade a par com o ensino são aspectos muito importantes na educação das crianças e jovens. A maneira como os espaços são conservados e adequados é um fator determinante para que a escola tenha um bom clima e essa é função do órgão de gestão.

É inegável que os diretores são os responsáveis máximos e os principais atores da comunidade educativa. A maneira como gerem as escolas e coordenam as suas equipas e os seus espaços são o seu maior desafio. Ora, o ambiente escolar tem, aqui, uma importância vital para a segurança e a qualidade da escola.

Um estudo realizado por Carvalhosa, Matos & Canha (2000), em cento e noventa e uma escolas portuguesas, revelou a influência direta que existe entre o bem-estar e o ambiente positivo na escola. A definição de ambiente de escola inclui:

a participação e a responsabilização dos estudantes pela vida escolar, a sua relação com os professores e colegas e a continuidade entre a vida familiar e a vida escolar. O facto de os jovens passarem grande parte do seu tempo na escola, leva a que seja fundamental as intervenções destinadas a promover o bem-estar dos alunos (p.45).

Outro aspecto relevante que tem sido objeto de estudo e análise por parte dos investigadores no sentido de proporcionar um clima de estabilidade e bom ambiente nas escolas é a mediação de conflitos.

Para além das preocupações que qualquer escola tem com a prevenção da agressividade e da violência e das medidas de ação, desenvolvendo práticas no seu quotidiano que contribuam para a formação de cidadãos que partilhem os valores da democracia, da paz e da não-violência, torna-se igualmente relevante um investimento em medidas que visem a resolução de conflitos e que envolvam a escola na sua globalidade (Amado & Freire, 2009, p.154).

Entender que a mediação de conflitos consiste numa estratégia de resolução positiva de problemas e que “o papel do mediador consiste em mobilizar todas as formas processuais para favorecer a comunicação entre as partes, é entender que esta contribui para um bom ambiente escolar” (Morgado & Oliveira, 2009, p.47).

Este processo de mediação não pode ser visto como individual e isolado; deve antes a comunidade escolar estar, toda ela, envolvida. O projeto da mediação escolar exige, para que seja compatível com a aprendizagem dos seus jovens, uma intervenção organizacional ao nível dos conflitos existentes na escola.

Por outro lado, esta mediação, através da introdução de uma equipe multidisciplinar, tem de estar integrada com a liderança de escola e o seu respectivo projeto educativo.

De pouco servirá que os jovens estudantes sejam sensibilizados e treinados para uma cultura de diálogo, de escuta e de pacificação das relações interpessoais, se o discurso dos educadores e docentes for incoerente com essa postura.

Cada vez mais se reconhece e compreende que “a qualidade de vida na escola- o bem-estar, a autoestima, o aproveitamento escolar, as relações entre os seus membros, a aprendizagem da cidadania, etc.- está intimamente relacionada com a participação da comunidade e das famílias na vida escolar” (Amado & Freire, 2009, p.15).

Assim, para que o ambiente escolar possa fluir naturalmente e possa proporcionar um bom clima, surge a figura do gestor (diretor) escolar que é o responsável máximo da instituição escola.

2.2 Caracterização da Escola

A Escola Estadual Professor Francisco Portugal fica situada na Praça Major Edeltrudes Teles, nº 04, Conjunto Augusto Franco – bairro Farolandia, na cidade de Aracaju/SE. A Escola possui 13 salas de aula e oferece aula nos turnos: matutino e vespertino (Fundamental I, Fundamental II e EJAEF) e no turno noturno (EJAEF). Possui um quantitativo de 340 (trezentos e quarenta) alunos, 35 (trinta e cinco) professores. Além de uma equipe administrativa, seis merendeiras e dois agentes de portaria.

A Coordenadora responsável pela escola afirma que o Currículo Escolar existe de acordo o referencial curricular e referente ao PPP (Projeto Político-Pedagógico) seria atualizado ainda no ano de 2015.

Nos momentos de verificação, constatou-se uma boa estrutura física, porém, alguns reparos faz-se necessário.

Ainda notou-se uma boa biblioteca e um bom acervo para consulta, uma sala de vídeo que, para utilização desta deve-se fazer um agendamento prévio por parte dos professores, além de uma cantina organizada para o preparo e distribuição da merenda escolar que é oferecida em todos os turnos de aula.

Conforme entrevista com a Coordenadora da escola, foi explicado que a relação entre os alunos decorre tranquilamente, exceto com as turmas do 6º ano A e o 7º ano B do turno da manhã, onde o comportamento por parte destes é excessivamente por meio de apelidos (nomes geralmente pejorativos), o que para alguns é constrangedor. Inclusive, para com o pessoal da escola os mesmos aplicam determinados apelidos. Daí a necessidade de se realizar a ação conscientizadora para com estes alunos, ação esta que será abordada mais adiante.

Na escola existe um Conselho Escolar, composto por funcionários, alunos e a comunidade externa (pais de alunos), para as tomadas das decisões e das atividades escolares.

O calendário escolar é elaborado no início do ano letivo e colocado para aprovação juntamente aos docentes. Sequencialmente, os docentes apresentam seus planos de aulas e não há projetos interdisciplinares na escola.

As avaliações são elaboradas e realizadas de acordo com os assuntos propostos em sala de aula e a recuperação é feita ao final de cada semestre.

2.3 Bullying e Prevenção

O comportamento agressivo através do bullying produz tristes consequências para a aprendizagem do agressor e da vítima, bem como, transtornos psicológicos graves. Devido à agressividade na escola ser um problema universal, não sendo apenas um problema da instituição, mas também da família e da sociedade, ela deve compreender que o agressor e a vítima de bullying podem ter consequências negativas imediatas ou tardias.

Portanto, torna-se necessário que a escola passe a enxergar o problema do bullying como uma entidade separada e que trabalhe através de intervenções e projetos estimulando os talentos e valores dos agressores; a fim de mudar o foco do mesmo, passando-o de aluno problema para talento especial, como os demais.

Isto seria uma nova forma de tratamento, fazendo que se sinta importante como as demais crianças e que os agressores percebam o mal que estão causando aos demais alunos da escola. Entendendo de uma vez que todos merecem respeito.

Consequentemente, deseja-se que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis que desenvolvam potenciais intelectuais e sociais, através de uma educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento do educando e preparando-o para o pleno exercício da cidadania.

Portanto, é fundamental que as instituições invistam nestas formas de atrair os familiares ou responsáveis para a escola, pois com esta parceria, há grande possibilidade de transformação dos comportamentos agressivos e do ambiente escolar, além de uma orientação aos educandos.

Diante disso, é possível perceber que a escola tem a tarefa histórica de gerar um pensamento e uma ação crítica e reflexiva sobre o processo da sociedade e da violência, principalmente no ambiente escolar, se antecipando moral e pedagogicamente a fim de ajudar na construção e valorização do homem como cidadão do seu tempo. Por conseguinte, a escola tem a função de não manter a agressão, mas sim, tentar reverter com o apoio da família e da sociedade a agressão em comportamento amigável, através de intervenções e conversas, estruturando o problema da violência de forma que o ele se situe na interação do conflito, e não nos agressores.

Imediatamente, cabe à instituição escolar estimular o acompanhamento das famílias na escola, pois, a questão do bullying ultrapassa as barreiras institucionais e reflete uma estrutura psicológica e formativa que está além do ambiente escolar. Logo, a exteriorização dos problemas de violência além de construir comportamentos amistosos promove a responsabilidade, pois todo agressor ou bullyinista deve ser responsável por sua relação com o desrespeito e a agressividade.

Igualmente, é necessário criar uma estratégia na qual os agressores, reflitam sobre sua fase agressiva, na infância ou adolescência, e sejam ajudados pelos responsáveis, escolas e profissionais a mudar esse comportamento.

Em termos específicos, diante desta realidade escolar, os problemas relacionados à violência devem ser tratados e apresentados com nova roupagem, a fim de orientar os agentes agressores, mostrando o quão prejudicial é o ato da prática do bullying e proteger as vítimas das ações externas relacionados ao agressor e à violência.

Em seguida, a escola a partir desta realidade não deve tratar de maneira igual os desiguais, deve sim, apreciar a diversidade com a intenção de ensinar e valorizar os aspectos que refletem as diferenças existentes nas salas de aula; tratando os alunos com respeito, apesar de suas diferenças, pois só assim poderão adquirir valores necessários para seu desenvolvimento na vida. A escola deve buscar alcançar seus objetivos determinados nos casos de prática de bullying visando a realidade e o cotidiano do aluno agressor ou a vítima, a fim de estabelecer ideais de comportamentos positivos, observando-se a realidade cultural e social do educando.

Para que os casos de bullying não ocorram sem que sejam notados ou de maneira velada na escola, faz-se necessário que haja uma atuação de combate e prevenção, sendo a prevenção a melhor forma de se evitar esse tipo de ato. Segundo Beane (2008), “para que se consiga prevenir e reduzir o bullying, é necessário que haja um esforço sistemático em cada escola. É imperativo que haja um empenho global, ao nível de todo o sistema”.

Assumir que existe este problema e conseguir que haja um envolvimento de todos os elementos da comunidade educativa constituem dois aspetos fundamentais para a prevenção do mesmo.

Deve também haver um engajamento por parte de todos: professores, pais e alunos para que haja um efeito significativo, a fim da priorização bem como a conscientização geral e apoiando ainda sempre que possível às vítimas de bullying, protegendo-as dos agressores e conscientizando o praticante dessas agressões através de orientações acerca dos danos ou prejuízos para as vítimas.

A principal política da escola deve ser no sentido de prevenir e não apenas de controlar o bullying. De acordo com o Observatório da Infância, no Brasil, devem existir três níveis de prevenção:

- Identificar as vítimas, as testemunhas silenciosas e os agressores; os pais, os alunos e toda a escola devem estar envolvidos neste “combate”;
- A qualidade da relação pedagógica entre professores e alunos, baseada no respeito e confiança mútuos;
- Dar formação a toda comunidade escolar sobre os tipos de violência que estão inerentes a este fenómeno porque o bullying acontece, sobretudo, onde não há supervisão dos adultos.

Um dos primeiros passos visando valorizar os recreios como espaço e tempo de educação é discutir e definir os comportamentos desejáveis dos alunos em todo o espaço escolar, na sala de aula ou no recreio, (Pereira, 2008, p.191).

Outra questão muito importante relativamente à existência deste fenómeno prendesse com o fato de não haver formação adequada para identificar e solucionar este problema. Assim sendo, torna-se importante que a gestão escolar possa proporcionar ações de formação a todos os elementos, utilizando os técnicos especializados ao serviço nas suas instituições, nomeadamente, os psicólogos.

Para que haja uma eficácia, é necessário que estas ações ocorram preferencialmente no início de cada ano letivo.

CAPÍTULO 3: Plano de Intervenção

3.1 A Importância da Intervenção no ambiente escolar

Que o bullying existe nas escolas é fato. Para tanto, é papel da escola traçar estratégias de combate para intervir e concomitantemente tomar medidas cabíveis contra o bullying no contexto escolar e para que se tenha um efeito eficaz, deve haver um espírito de cooperação entre todos neste ambiente escolar, em parceria com as famílias, pois as mesmas têm papel importantíssimo nesse desafio.

Nesse segmento, diversas pesquisas e programas de intervenção antibullying vêm se desenvolvendo na Europa e na América do Norte, visando principalmente conscientizar toda a comunidade escolar sobre o fenômeno e sensibilizá-la sobre a importância do apoio às vítimas, buscando encaminhá-las para tratamentos clínicos, encorajá-los à denúncia, além de fazer com que se sintam protegidos.

Para Ventura (2010) e Pereira (2008), é importante as escolas terem um gabinete onde as crianças/jovens se sintam à vontade para denunciarem situações impróprias ou incorretas porque, segundo estes, as vítimas, normalmente, sofrem em silêncio por medo, aumentando o absentismo e o insucesso escolar.

A autora Cleo Fante, considerada a maior especialista do Brasil nesta área, desde o ano 2000 vem pesquisando sobre a questão da violência nas escolas e estando consciente dos traumas que podem surgir diante do assunto, desenvolveu um programa voluntário nas escolas – Educar para a Paz – que tem sido muito recomendado pelos resultados positivos que têm surgido.

A primeira escola que aderiu a este programa foi uma escola de São José do Rio Preto, onde os índices foram bastante significativos em relação à redução de comportamentos agressivos.

Durante a pesquisa, cerca de 26% de vítimas foram detectadas. Vindo esse número a cair para 10%, no segundo semestre da implementação do programa e, após dois anos, o resultado chegou aos 4%. Números realmente expressivos em relação ao combate à violência escolar em virtude principalmente do bullying.

Tendo o programa Educar para a Paz um conjunto de estratégias psicopedagógicas, adotando princípios de solidariedade, tolerância e respeito à diferença, o principal objetivo é envolver toda a comunidade educativa, para que haja efeitos positivos no trabalho diário e individual com os envolvidos, incrementando a autoestima das vítimas.

No Brasil, esse modelo de programa está implementado em várias escolas, desenvolvendo ações de formação, grupos de alunos, grupos de pais, situações problema.

A autora afirma que as escolas devem criar equipes multidisciplinares no combate ao bullying e que estas equipes sejam atuantes frente aos casos de violência de qualquer natureza dentro da escola. E em março de 2006 a autora, num artigo publicado no Jornal Mundo Jovem se mostrou preocupada com o fato de no mundo atual, este assunto ainda ser tratado como um fato ou caráter oculto e pelo fato de as vítimas ainda não terem coragem de denunciar. A autora acredita ainda, que em pleno século XXI a educação é cada vez mais difícil porque há uma ausência de modelos e de referências educacionais.

Cada vez mais envolvidos com o trabalho, os pais passam cada vez menos tempo de qualidade com os filhos e terceirizam a educação para outras pessoas. É importante para a escola que aceite que os conflitos existem e, como tal, os profissionais devem estar atentos ao meio envolvente.

Assim como é de responsabilidade das escolas tomar algumas iniciativas tais como aumentar a supervisão na hora do recreio e intervalos; evitar em sala de aula menosprezo, apelidos ou rejeição de alunos por qualquer motivo que seja. Deve promover-se o debate sobre estes assuntos.

Deve haver políticas antibullying envolvendo toda a comunidade e informar, sensibilizar e mobilizar são as palavras de ordem para que se consiga combater o bullying. Existem, porém, medidas que não sendo muito complicadas podem ser eficazes.

As escolas precisam enfrentar o bullying através de estratégias que favoreçam o bem-estar psicossocial no ambiente escolar, pois, a escola é um espaço onde se deve respeitar todos e as suas diferenças.

Espera-se que seja um local seguro e saudável. A presença ou o testemunho de qualquer tipo de violência neste ambiente pode acarretar no sujeito danos físicos e psicológicos que podem ser passageiros ou persistentes (Neto, 2005).

Neto, Murteira Filho & Saavedra (2002), desenvolveram um programa para a redução do comportamento agressivo entre estudantes que inclui sete etapas:

1ª - Pesquisar a realidade, através de questionários de pesquisa com a participação de todos. Os resultados destes inquéritos determinam a prevalência, incidência e consequências do bullying em cada escola.

2ª - Após análise detalhada dos resultados, todos devem ser informados sobre os mesmos e discutir as implicações, definindo estratégias que devem ser utilizadas durante o processo de divulgação e sensibilização dos alunos.

3ª - Formação de um grupo de trabalho, representado por todos os segmentos da comunidade onde serão definidas, coletivamente, as ações a serem priorizadas e adotadas.

4ª - Ouvir opiniões: as propostas definidas pelo grupo de trabalho ficam sujeitas a sugestões e opiniões dos restantes membros da comunidade, nomeadamente os alunos e os funcionários.

5ª - Definição de compromissos e prioridades.

6ª - Divulgação do tema através da afixação de cópias em vários locais da escola.

7ª - Informação aos pais, através de cartas ou reuniões, sobre os objetivos do programa.

O bullying não é uma luta entre iguais porque existe um frequente uso e abuso de poder e existe a partir do momento que um lado julga-se superior ao outro e recorre a formas variadas de intimidação, humilhação, ofensas ou perseguições, impossibilitando a parte fraca de defender-se.

A escola deve ser mediadora nestes conflitos, assumindo papel firme diante de todo e exposto, realizando ações de combate, prevenção e apoio psicopedagógico e trazendo para a sociedade cidadãos compostos de integridade moral e ética.

3.2 Metodologia

Para a realização deste Trabalho utilizou-se uma metodologia voltada para a obtenção de dados referentes ao tema proposto bem como a observação comportamental por parte dos alunos, visando a percepção de algum tipo de comportamento direcionado para o ato de bullying, uma vez que diante dos relatos por parte da direção da escola, é muito comum este tipo de comportamento por parte dos alunos da escola e em especial as séries do 6º e 7º Anos.

À medida que íamos observando as brincadeiras e a convivência entre os alunos fomos verificando um certo constrangimento por parte de alguns em relação aos agressores do bullying e que os mesmos não se mostravam dispostos a denunciar, não se sabe ao certo as razões (medo ou vergonha), o fato é que, realmente esses alunos praticantes de tais atos violentos precisavam imediatamente de uma intervenção da escola e que os que sofriam pelos apelidos colocados fossem orientados a denunciar à direção da escola ou aos funcionários responsáveis direta ou indiretamente pela paz e harmonia do ambiente escolar.

Partindo do pressuposto de que a escola é a responsável pela apaziguação dos ânimos e de uma boa convivência entre se alunado, sugerimos também à direção da escola um ciclo de palestras onde a temática fosse especialmente o bullying como ainda a exposição de filmes ou vídeos a fim de mostrar as mais diferentes realidades e traumas causados pelo fato de uma simples “brincadeira inofensiva” na vida de muitos jovens nas mais diversas esferas sociais.

Para a realização de um projeto de intervenção tendo como objetivo a análise e a resolução de um problema, permitindo uma flexibilidade dos procedimentos sendo um processo dinâmico, adaptando-se e reorientando-se ao longo da intervenção sempre que for necessário (Leite et al, 2001).

Nos momentos de observação, realizados na Escola diagnosticou-se a constante presença de bullying, principalmente em duas séries: 6º Ano e 7º Ano, pois a utilização de apelidos por parte desses alunos é recorrente e nem os funcionários da escola são poupados dessa prática.

Foram realizadas conversas com os alunos de várias séries, com professores e funcionários, a fim de se levantar ideais para a realização da proposta de intervenção onde o foco fosse a orientação para com todos os envolvidos.

Contudo, houve um certo receio por parte da equipe escolar, como se não quisessem expor questões do tipo bullying, apelidos, violência, etc., porém, numa segunda conversa, passamos seriedade quanto ao teor do assunto bem como a Proposta de Intervenção e que a mesma seria de grande ajuda para a mediação dos conflitos.

Quanto aos alunos, estes foram mais espontâneos e aos poucos foram revelando algumas situações envolvendo insultos, apelidos, agressões entre outros.

Alguns alunos não dão muita importância para os apelidos colocados pelos colegas, mas para outros não é fácil lidar ou mesmo falar sobre o assunto, talvez por medo de algum tipo de agressão o mesmo por sofrerem ainda mais com os apelidos. O fato é que há uma certa angústia e passam a viver isolados dos demais colegas.

Por meio de levantamento de seis artigos no site do SciELO dos autores: Paula Mariza Zedu Alliprandini e Grasiella Cervejeiras Sodré (CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA PARA O DIAGNÓSTICO, PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO JUNTO AO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR); Elizângela Napoleão da Silva e Ester Calland de S. Rosa (PROFESSORES SABEM O QUE É *BULLYING*? UM TEMA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE); Scheila Conrado de Moraes (BIBLIOTECA ESCOLAR E A PREVENÇÃO AO *BULLYING* ESCOLAR); Revista Eletrônica Gestão & Saúde ISSN: 1982-4785 Alves CF. **Artigo de Revisão** – Revista Eletrônica Gestão & Saúde. Vol.06, Nº.

03, Ano 2015 p. 2919-33 2919; Juliana Martins Ferreira e Helenice Maria Tavares (BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR), foram identificados e estudados um total de seis artigos científicos, onde todos estes tratavam sobre a identificação, o surgimento, onde independentemente da idade, as crianças demonstravam uma tendência para a prática e falavam também da prevenção e intervenção acerca do fenômeno bullying, tratavam ainda dos transtornos causados e de como deve ser a atuação da escola e dos envolvidos com a educação. Todos voltados para o contexto escolar e suas dimensões sociofamiliar.

3.3 Ações e Cronograma

Diante do diálogo com os envolvidos e em conversa com a Coordenadora da escola, acordamos as medidas a serem aplicadas, onde, concomitantemente, ficou esclarecido que seria elaborada uma proposta de acordo com a faixa etária envolvida com a situação para orientá-los e as ações seriam as seguintes:

⇒ Diálogo com os alunos para levantamento de informações e registro das informações;

⇒ Explicação de uma Palestra promovida com algum profissional das áreas da Psicologia ou Psicopedagogia, que tivesse um bom domínio e facilidade com esse público jovem;

⇒ Apresentação de vídeos educativos (sugeridos pelo profissional realizador da palestras ou mesmo em concordância com os envolvidos da escola), mostrando, pontuando e orientando a respeito do bullying e seus efeitos nocivos para toda e qualquer pessoa, independentemente de sua origem, cor, credo, situação financeira, apelidos pejorativos e condições financeiras.

Foi elaborado um questionário para levantamento de informações referentes ao tema estudado, onde o mesmo foi aplicado aos alunos, professores e demais envolvidos na escola, bem como as formas de mediação dos conflitos entre os alunos.

Tais propostas foram elaboradas conforme cronograma abaixo apresentado e foi muito bem aceita pela equipe da escola.

Ano – 2015	
Dia	Ação
Segunda-feira	• Entrevista com a Direção da Escola para levantamento de informações; • Entrevista com os Professores da Escola. • Entrevista com os alunos da Escola.
Terça-feira	• Continuação das entrevistas com os alunos separando-os por série; • Aplicação de Questionário aos alunos, Professores e Direção da escola.
Quarta-feira	• Realização de Palestra educativa e esclarecedora acerca do tema bullying e seus males com um Psicólogo ou Psicopedagogo acerca do tema Bullying e suas causas devastadoras na vida do ser humano. Local a ser realizada: Patio recreativo da escola com o uso do microfone.
Quinta-feira	• Discussão com os alunos acerca do que foi entendido sobre o tema bullying; Realização de perguntas, verificando e levantando opiniões dos principais envolvidos neste processo: os alunos.

Com as medidas apresentadas espera-se conseguir um alto índice de informações ou orientações para que sirvam de alerta e de reflexão dos alunos que praticam o bullying na escola e com a realização da palestra espera-se que os que são vítimas deste ato procure orientação sobre como agir nas situações de constrangimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto teve total relevância devido à grande problemática que hoje se dá ao fator bullying nas escolas bem como essa situação é conduzida pelos envolvidos na educação escolar. Houve muito diálogo com alguns alunos que passam por esse problema e notamos que não é nada confortável conviver cotidianamente sendo alvo dos que praticam o bullying e os educadores tem papel significativo para a condução ou mediação desses conflitos e para a harmonia no ambiente escolar. Porém, não é tão simples, pois, a maioria das vítimas prefere fazer pacto de silêncio a ter de expor ou entrar em confronto direto com os agressores.

Ressalta-se que o termo bullying é um conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais, adotado por um ou mais alunos contra outro, causando angústia, dor ou sofrimento. Praticado de quatro maneiras bem distintas que são: bullying físico, bullying verbal, bullying social e/ou relacional, e o cyberbullying, que é praticado de maneira virtual.

O tema bullying deveria ser mais debatido de maneira fácil e menos complexa, para que haja melhor entendimento para os que praticam como para os que sofrem.

As escolas também deveriam abrir mais as portas para que estudantes das diversas áreas pudessem investigar e diagnosticar mais essa problemática para que esse problema seja melhor trabalhado e que as informações e orientações necessárias sejam passadas ainda cedo e não num momento tardio.

É notório que o bullying está cada vez mais sendo praticado nas escolas. Porém, somente reconhecer os casos de bullying, sem uma reflexão mais complexa que busque efetivamente uma ação coletiva entre escola-sociedade-família, não irá contribuir para o fim dessa violência. Pois, tal como foi percebido na realização do projeto e nas discussões realizadas, quando o docente atua “sozinho” para combater o que considera bullying na sala de aula, pode não agir de uma forma muito adequada.

Constatamos a importância de pesquisas e ações que visem trabalhar com a classe docente e com a noção de que o adulto (professor) não é um ser formado e sim em formação. Os estudos sobre o bullying são recentes e acreditamos que futuras investigações virão em prol de ampliar as nossas percepções.

O bullying deve ser tratado com grande importância pela escola, família e sociedade por ser um fator de violência que demonstra desigualdade e injustiça social, além de pressões psicológicas ou físicas por parte do agressor, desacatando e degradando as diferenças, bem como, consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais.

Assim sendo, é necessário que se estabeleça ações a serem desenvolvidas objetivando as ações do agressor e as consequências na vítima. É importante, que os educadores e principalmente a família estejam atentos a qualquer sinal de ação agressiva, pois, não há métodos diagnósticos prontos para se determinar o bullyinista. Ainda é necessário que estejam todos cautelosos em relação às crianças mais propensas a agredirem ou a comportamentos antissociais, a fim de se verificar qualquer prática de bullying.

REFERÊNCIAS

1. Bibliográficas

ALARCÃO, I. (2001). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed. Acessado em 20/01/2016 às 16h e 57min. Disponível em:

ALEXANDER, J. (2007). **A agressividade na escola. Bullying: um guia essencial para pais. Barcarena: Editorial Presença**. Acessado em 13/01/2016 às 16h e 57min. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/download/393/348>.

FANTE, Cleo. (2006). **Bullying: quando a escola não é um paraíso**. Jornal Mundo Jovem. Março, edição nº 364, pp. 2-3;

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: editora Verus-Campinas, 2005.

FERREIRA, J. M. e Tavares, H. M. **Bullying no Ambiente Escolar**. Acessado em: 08/11/2015 às 16h e 57min. Disponível em: <http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/15-PEDAGOGIA-04.pdf>

<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo-2008-2/2SF/Lia/EscolaReflexivaenovaracionalidade.pdf>.

<http://www.uesb.br/editora/publicacoes/aprender/edicoes/Aprender%20n.%202.pdf>

MENEZES, C. P. P. e GRANZZOTTO, D. S. **Bullying Escolar: A justiça restaurativa como forma de enfrentar e prevenir violências**. Acessado em: 10/01/2016 às 17h e 25min. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/download/13114/2304>

PEDRA, José Augusto e FANTE, Cleo. **Bullying escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RISTUM M. **Violência: uma forma de expressão da escola?** Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação [periódico na Internet]. 2004; 2: 59-68. Acessado em 19/11/2015. Disponível em:

SILVA, E. N. e ROSA, E. C. **Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente**. Acessado em: 12/01/2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572013000200015

2. Eletrônicas

www.bullying.com.br;

www.oms.com;

[www.psp.pt/Pages/programasespeciais/escolasegura.asp/;](http://www.psp.pt/Pages/programasespeciais/escolasegura.asp/)

www.dgdc.min-edu.pt/educacaosaude/index.php?s=directorio&pid=88;

http://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=artigos+scielo+bullying&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&as_vis=1[www.macs.hw.ac.uk/;](http://www.macs.hw.ac.uk/)

www.publico.pt/Educacao

https://bdtd.ufs.br/bitstream/tede/1729/1/GISELE_MILLEN_MENDES.pdf

http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14757

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar
(Escola que Protege)

QUESTIONÁRIO I – ESCOLA
(Coordenação e Professores e demais funcionários)

1. Na Escola Francisco Portugal existe casos de bullying?

- A) SIM
- B) NÃO
- C) NUNCA
- D) ÀS VEZES

2. Caso haja, aponte o tipo:

- A) Xingamentos
- B) Racismo
- C) Violência
- D) Preconceito (Credo, obesidade, opção sexual, financeiro)
- E) Outro. Qual _____

3. Com qual frequência?

- A) DURANTE AS AULAS
- B) EM TEMPO INTEGRAL
- C) RARAMENTE
- D) SOMENTE NO RECREIO

4. Quem são as vítimas?

- A) SOMENTE OS ALUNOS
- B) SOMENTE OS FUNCIONÁRIOS
- C) TODOS NA ESCOLA

5. Como são resolvidos esses casos?

- A) NADA É FEITO EM RELAÇÃO
- B) ATRAVÉS DE CONVERSA
- C) PUNIÇÃO
- D) SUSPENSÃO DO ALUNO

6. Você acha que hoje em dia as escolas estão preparadas para encarar o Bullying?

- A) SIM.
- B) NÃO.
- C) ÀS VEZES.
- D) NÃO SEI.

7. Você já foi alvo de gozação e preconceito na escola?

- A) SIM.
- B) NÃO.
- C) ÀS VEZES.
- D) NÃO SEI.

8. O fato de alguns alunos colocarem apelidos depreciativos, contra outro aluno, pode causar problemas pedagógicos neste aluno futuramente?

- A) SIM.
- B) NÃO.
- C) ÀS VEZES.
- D) NÃO SEI.

9. A direção da escola está preparada para intervir nos atos considerados como bullying?

- A) SIM.
- B) NÃO.
- C) ÀS VEZES.
- D) NÃO SEI.

10. A escola tem projetos pedagógicos, como seminários, palestras, que tratam sobre o tema bullying?

- A) SIM.
- B) NÃO.
- C) ÀS VEZES.
- D) NÃO SEI.
- E) OUTROS. QUAIS?_____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
Curso de Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar
(Escola que Protege)

QUESTIONÁRIO II – ALUNOS

1. Você já ouviu falar em bullying?

- A) SIM.
- B) TALVEZ.
- C) ÀS VEZES.
- D) NÃO.

2. Você já viu alguém fazer bullying na escola?

- A) NÃO.
- B) ÀS VEZES.
- C) NÃO SABE RESPONDER.
- D) SIM. QUAL _____

3. Para você o bullying tem consequência para quem sofre?

- A) SIM.
- B) NÃO.
- C) QUE TIPO? _____

4. O que você pensa sobre quem pratica BULLYING na escola?

- A) NÃO PENSO NADA.
- B) NÃO GOSTO DELES.
- C) TENHO PENA DELES.
- D) GOSTO DELES.

5. Porque você acha que alguns colegas fazem BULLYING contra outros?

- A) PORQUE AS VÍTIMAS MERECEM CASTIGO.
- B) POR BRINCADEIRA.
- C) PORQUE ELES SÃO PROVOCADOS.
- D) OUTRAS RAZÕES: _____

6. Quando você viu alguns de seus colegas sofrerem BULLYING na escola, o que você fez?
- A) NUNCA VI NINGUÉM SOFRENDENDO.
 - B) EU NÃO AJUDEI, MAS GOSTEI DE VER.
 - C) PEDI AOS AGRESSORES QUE PARASSEM.
 - D) PEDI SOCORRO A DIREÇÃO PROFESSORES, MONITORES.
7. Em sua opinião, de quem é a culpa se o BULLYING continua acontecendo?
- A) DE QUEM AGRIDE.
 - B) DOS PAIS DELES.
 - C) DA DIREÇÃO DA ESCOLA.
 - D) DOS PROFESSORES.
8. Você já praticou BULLYING contra outros colegas?
- A) EU NUNCA PRATIQUEI BULLYING CONTRA OS COLEGAS.
 - B) SÓ 1 OU 2 VEZES.
 - C) PELO MENOS 1 VEZ POR SEMANA.
 - D) TODOS OS DIAS.
9. Alguém conversou com você sobre o BULLYING que você fez contra outros colegas da escola?
- A) NÃO FIZ BULLYING CONTRA MEUS COLEGAS DA ESCOLA.
 - B) NINGUÉM FALOU COMIGO
 - C) O DIRETOR, COORDENADOR, PROFESSOR
 - D) OUTROS. QUEM? _____
10. Você está disposto a ajudar a escola a desenvolver um trabalho para a redução do BULLYING?
- A) NÃO, PORQUE NUNCA VI NINGUÉM SOFRENDENDO BULLYING NESTA ESCOLA.
 - B) NÃO, PORQUE EU NÃO ACHO QUE O BULLYING SEJA UM PROBLEMA PARA OS ALUNOS.
 - C) NÃO, EMBORA EU ACHE IMPORTANTE DESENVOLVER ESSE TRABALHO, EU NÃO GOSTARIA DE AJUDAR.
 - D) SIM, EU GOSTARIA DE AJUDAR.